

BNDES: Fiocca contesta FGV sobre impacto do mínimo na distribuição de renda
Rio - O presidente do BNDES, Demian Fiocca, contestou hoje os resultados da pesquisa da Fundação Getúlio Vargas (FGV) que mostram que o aumento do salário mínimo não teve impacto na distribuição de renda do País. Fiocca declarou que não acredita nos resultados da pesquisa e inclusive entrou em contato com o economista da FGV Marcelo Néri, autor do levantamento.

"Isso seria uma surpresa completa. O salário mínimo é o indexador que define o rendimento de 12 milhões de aposentados e pensionistas e influencia no rendimento do trabalhador informal, além de outros efeitos. Não acredito que não tenha impacto na redução da pobreza", disse o presidente do BNDES.

Momentos antes ele tinha exibido uma transparência com dados da própria FGV mostrando que entre 2003 e 2006 subiu de 13,5 para 15,1% a participação dos 50% mais pobres da população na renda total do País.

Já o ex-presidente do BC Carlos Langoni destacou que aumentos fortes no mínimo têm efeitos colaterais na economia. "O aumento do salário mínimo beneficia quem já tem emprego consolidado, mas estimula a informalidade e dificulta o acesso de novas pessoas ao mercado de trabalho. É fundamental também desvincular o salário mínimo das tensões. Além disso, se a economia deslanchar os aumentos de salário vão acontecer de forma natural. Quando você tenta impor você tem impacto muito grande sobre as contas públicas", destacou Langoni.

Fiocca e Langoni participaram esta manhã, na sede do Jockey Club, no Rio de Janeiro, do seminário "Grau de Investimento - Desafio para o Próximo Presidente".

/td>